

SOCIOLINGUÍSTICA VARIACIONISTA NA SALA DE AULA DO ENSINO FUNDAMENTAL ATRAVÉS DO GÊNERO CONTO

VARIATIONIST SOCIOLINGUISTICS IN ELEMENTARY SCHOOL THROUGH SHORT STORIES

Marcílio José Ferreira Nunes (UERN)¹³

Gilson Chicon Alves (UERN)¹⁴

RESUMO: Esse artigo relata uma intervenção realizada como parte de uma pesquisa de dissertação do Mestrado Profissional em Letras (PROFLETRAS, UERN, Campus Mossoró), aplicada numa turma do 6º ano do ensino fundamental de uma escola da zona rural cearense, no ano de 2015. A dissertação realizou-se em três etapas intervencionistas: a primeira delas visava a intervir através de uma atividade abordando a variação diatópica, da qual nos ocuparemos; a segunda, com metodologia semelhante, tratava do *continuum* de monitoramento estilístico e a terceira abordava o preconceito linguístico através da produção de contos. O objetivo da primeira fase da pesquisa foi intervir no grupo considerado, a fim conscientizá-los acerca dessa variável dependente. A concepção de língua como uma realidade heterogênea postulada por Labov (2008) levou teóricos, como Ilari e Basso (2000) e Bagno (2007), a conceituarem a variação regional ou diatópica como um fenômeno variável da língua em virtude das diferenças entre regiões em que se fala a mesma língua. Nossa proposta foi uma atividade de interpretação de um conto de nossa autoria, cujo enredo tratava da variação entre a fala de um menino sertanejo cearense e meninos gaúchos. Contamos com as contribuições teóricas de Bagno (2007), Bortoni-Ricardo (2014), Brasil (1998), Ilari e Basso (2000), Labov (2008), Tarallo (2007), Thiollent (2009) e Weinreich, Labov e Herzog (2006). Os resultados obtidos foram satisfatórios, porque, com a intervenção, o conceito de variação linguística foi compreendido, implantando-se na coletividade considerada a conscientização acerca da variação linguística regional.

PALAVRAS-CHAVE: Variação linguística. Gênero conto. Ensino.

ABSTRACT: This paper reports an intervention conducted in a 6th grade class of an elementary school in the rural area of Ceará, Brazil, in the year of 2015, as part of a dissertation research of a Professional Master's degree in Letters (PROFLETRAS, UERN, Mossoró Campus). The research was performed in three interventionist phases: the first consisting in the intervention through an activity that addresses the diatopic variation which we deal with; in a similar methodology, the second addresses the stylistic monitoring continuum and the third approaches the linguistic prejudice via the production of short stories. The aim of phase 1 was to intervene in the considered group, in order to raise awareness about that dependent variable. The conception of language as a heterogeneous reality postulated by Labov (2008) led theorists, such as Ilari and Basso (2000) and Bagno (2007), to conceptualize regional or diatopic variation as a variable language phenomenon due to differences among places where the same language is spoken. Our proposal consisted in the interpretation of a short tale from our authorship, concerning the variation between the speech of a boy from the state of Ceará and boys from the state of Rio Grande do Sul. We

¹³Mestre em Letras pela Universidade do Estado do Rio Grande do Norte. Mossoró-RN. majofenu@gmail.com

¹⁴Doutor em Linguística pela Universidade Federal da Paraíba. João Pessoa-PB. gcario65@hotmail.com

have theoretical contributions from Bagno (2007), Bortoni-Ricardo (2014), Brazil (1998), Ilari and Basso (2000), Labov (2008), Tarallo (2007), Thiollent (2009) and Weinreich, Labov and Hezog (2006). The results were satisfactory, since the intervention promoted the understanding of the concept of linguistic variation and woke in the community the sense of regional linguistic variation.

KEYWORDS: Linguistic variation. Short stories. Teaching.

1 INTRODUÇÃO

Nos últimos anos, as mais variadas correntes linguísticas vêm questionando a eficiência da forma tradicional com que se tem abordado o ensino de língua materna nas salas de aula, que, por sua vez, ainda, muitas vezes é pautada por uma análise descontextualizada de microestruturas, com mero objetivo de descrevê-las e de prescrever, segundo a gramática normativa, um padrão idealizado de uso dessas estruturas.

Embora sejam fartas as bibliografias, a exemplo de Bagno (2007), que apontam a gramática normativa apenas como um dialeto idealizado, nossa vivência docente tem mostrado que é forte na comunidade escolar a noção de que as regras por essa gramática prescritas sejam de fato a única formada língua portuguesa.

Diante desse cenário, a premissa que fundamentou nosso trabalho está na necessidade de se abordarem as variações linguísticas a partir de uma reflexão suscitada nos Parâmetros Curriculares Nacionais (PCNs) de língua portuguesa:

A questão não é falar certo ou errado, mas saber qual forma de fala utilizar, considerando as características do contexto de comunicação, ou seja, saber adequar o registro às diferentes situações comunicativas. É saber coordenar satisfatoriamente o que falar e como fazê-lo, considerando a quem e por que se diz determinada coisa. É saber, portanto, quais variedades e registros da língua oral são pertinentes em função da intenção comunicativa, do contexto e dos interlocutores a quem o texto se dirige. A questão não é de correção da forma, mas de sua adequação às circunstâncias de uso, ou seja, de utilização eficaz da linguagem: falar bem é falar adequadamente, é produzir o efeito pretendido. (BRASIL, 1998, p.21)

Conforme apontam os parâmetros curriculares, deve-se dar prioridade não à questão de erro quanto à forma, mas partir de uma abordagem que prepare o discente a adequar seu uso às circunstâncias em que se dá o evento comunicativo.

Propusemos, então, uma ação pautada no ensino de língua portuguesa sob a perspectiva sociolinguística variacionista através da interpretação de contos numa turma do 6º Ano do ensino fundamental.

Nós acreditamos que essa tenha sido uma abordagem de língua mensurável que contribuiu de maneira satisfatória e configurou-se numa proposta construtora de uma visão ampla de ensino de língua materna.

Havíamos reconhecido, todavia a possibilidade de abordar, além dos aspectos supracitados, inúmeros outros, todavia, por conta da limitação na qual se enquadrour nosso trabalho, voltamos nossa atenção apenas para os aspectos que dizem respeito à construção do conhecimento da variação linguística regional.

Nossa delimitação deu-se com vistas a preparar o discente para um reconhecimento introdutório sobre como diversidade social linguística e suas implicações na formação da língua, uma entidade heterogeneamente ordenada.

A intervenção realizada no grupo envolvido foi constituída por atividades que promoveram a conscientização sobre a existência das variações linguísticas como forma de legitimá-las.

A escolha de uma turma de 6º Ano do ensino fundamental foi norteadada pelo fato de se pressuposto que os alunos matriculados nesse nível de escolaridade estavam devidamente alfabetizados (expectativa que se confirmou), isto é, já possuíam a habilidade de ler e escrever, o que, nos deu condições mínimas para que buscássemos atingir outra meta, que é, segundo Soares (2002): “[...], criar condições para que os alfabetizados possam ficar imersos num ambiente de letramento”, que, por sua vez, nada mais é, ainda segundo a autora, do que o “estado ou condição de quem não apenas sabe ler e escrever, mas cultiva e exerce as práticas sociais que usam a escrita.

Nessa perspectiva, entendemos que, em vista do nível de letramento da coletividade implicada, poderíamos vislumbrar outras questões, conforme nos aponta ainda Soares (2002)

[...] nosso problema não é apenas ensinar a ler e a escrever, mas é, também, e sobretudo, levar os indivíduos - crianças e adultos - a fazer uso da leitura e da escrita, envolver-se em práticas sociais de leitura e de escrita.” (SOARES, 2002,p.58).

Partimos dessa convicção de que o aluno do 6º Ano está devidamente alfabetizado.

Nosso trabalho não teve a pretensão de sanar os mais variados problemas verificados no ensino de língua portuguesa na educação básica. Apenas, a partir dessa experiência, propusemos uma alternativa de favorecimento do processo de ensino-aprendizagem baseado numa análise de aspectos linguísticos para além da norma padrão.

O projeto se estendeu durante duas semanas que compuseram por parte do 3º e 4º período do ano letivo de 2015. O início dos trabalhos se deu com a apresentação da proposta de ensino-aprendizagem aos alunos, no primeiro dos encontros foram expostas todas as etapas, que vão desde a apresentação de contos produzidos pelo autor do trabalho, passando pela discussão sobre esses textos do gênero conto até a reflexão sobre as respostas dadas pelos alunos.

No que se refere às orientações de ordem estrutural textual do gênero conto, foi realizada uma atividade, a fim que se os alunos tivessem uma mínima noção acerca da estrutura desse gênero. Essa atividade era um questionário com perguntas de cunho estrutural do gênero, que, à época, acreditávamos contribuir com a produção dos discentes.

Esperamos que, assim como esse trabalho surtiu seus efeitos positivos no grupo onde foi proposto, seja útil a outros grupos, que seja analisado e adaptado às realidades de onde possa ser aplicado a partir do saber dos profissionais que se proponham a usá-lo.

2 SOCIOLINGUÍSTICA VARIACIONISTA

Ao revisitar alguns autores, somos guiados rumo a respostas para uma das possivelmente inevitáveis perguntas que um leitor há de fazer ao se deparar pela primeira vez com o termo “Sociolinguística”.

No intuito de fornecer-lhe subsídio para que chegue a um esclarecimento minimamente satisfatório e, ao mesmo tempo, fundamentalmente necessário para a

compreensão desse termo, começamos com as palavras de Mollica e Braga (2013), quando, as autoras conceituam a área de pesquisa:

A Sociolinguística é uma das subáreas da Linguística e estuda a língua em uso numa comunidade de fala, voltando a atenção para um tipo de investigação que correlaciona aspectos linguísticos e sociais. Esta ciência se faz presente num espaço interdisciplinar, na fronteira entre língua e sociedade, focalizando precipuamente os empregos linguísticos concretos, em especial os de caráter heterogêneo. (MOLLICA; BRAGA, 2013, p. 08)

Os estudos sociolinguísticos surgem sob a perspectiva de tratar o fato linguístico a partir de uma abordagem norteadada pela observação dos componentes internos da língua, sem negligenciar o tratamento da influência dos fatores sociais que incidem sobre ela. Segundo Tarallo (2007), essa vertente serve “[...]como uma reação à ausência do componente social no modelo gerativo” (TARALLO, 2007, p. 07).

Embora Saussure (1962 *apud* LABOV, 2008), pioneiro dos estudos linguísticos, tivesse concebido a Linguística “como uma ciência que estuda a vida dos signos no seio da sociedade” (SAUSSURE, 1962 *apud* LABOV, 2008, p. 217), seus seguidores, a exemplo de Chomsky (1962), sucediam-no postulando uma teoria linguística pautada na investigação de um falante ideal e numa comunidade de fala homogênea, tratando, pois, eventuais variedades como erros aleatórios e característicos ou irrelevantes (CHOMKY, 1965 *apud* LABOV, 2008, p. 218).

Labov (2008), por seu turno, observava que os estudos linguísticos vigentes à época não levavam em conta a vida social e insistiam em explicações do fato linguístico a partir de fatores internos, sem considerar os fatores sociais que incidem no comportamento linguístico (LABOV, 2008, p. 215).

Ao tratar a língua como uma realidade heterogênea, Willam Labov já em sua segunda pesquisa, ocupou-se da estratificação social do inglês na cidade de Nova Iorque, que resultou na sua tese de doutorado, publicada em 1966, conforme Weinreich, Labov e Herzog (2006). Nela, foi desenvolvido o estudo sobre vernáculo dos adolescentes negros do Halem, Nova Iorque (TARALLO, 2007, p. 07).

Segundo Bortoni-Ricardo (2014), o baixo rendimento apresentado por crianças oriundas de grupos linguísticos minoritários foi o ponto de partida para o estudo sobre vernáculo dos adolescentes negros do Halem. Tinha-se a pretensão de investigar os motivos pelos quais essas crianças apresentavam um rendimento escolar inferior ao das crianças de classes mais favorecidas.

Desde, então, várias são as pesquisas sociolinguísticas que vêm trazendo importantes contribuições ao ensino de língua materna.

Segundo Bagno, Gagne e Stubbs (2002), “[...] o velho ensino da língua que se detinha exclusivamente na análise das palavras e, no máximo, da frase tem de ser abandonado em favor de um ensino-aprendizagem que leve em conta as realizações empíricas da língua, que são os textos.” (BAGNO, GAGNE E STUBBS, 2002, p.54).

As considerações dos autores são ratificadas por Marcuschi (2008), visto que este tem como consensual, entre os teóricos da linguística aplicada, a noção a respeito da forma como lidar com o ensino de língua a partir dos textos, o que nos mostra que é preciso trabalhar as questões da língua a partir de gêneros textuais, pois são nessas macroestruturas que a efetivam.

Para trabalharmos sob a perspectiva variacionista através dos textos, todavia, faz-se necessário compreender alguns conceitos importantes dessa vertente.

De acordo com as contribuições de Ilare e Basso (2006), as variações linguísticas ocorrem sob vários aspectos. Fala-se em “**variação diacrônica, variação diatópica, variação diastrática e variação diamésica.**” (ILARI; BASSO, 2006, p.153, grifo dos autores).

Os autores trazem o conceito de variação diastrática como sendo as diferenças entre o português falado entre pessoas de níveis de escolaridade distintos. Conforme os autores, é observada uma estreita relação entre grau de escolaridade e a estratificação social.

Segundo Bagno (2007) “[...] variação diamésica é a que se verifica na comparação entre a língua falada e a língua escrita.” (BAGNO, 2007, p. 46), isto é, trata-se da análise do fenômeno variável dado pelas diferenças entre os eventos de oralidade e de letramento.

Além das variações sincrônicas, Ilari e Basso (2006) conceituam a variação diacrônica, a qual diz respeito à evolução interna da língua, isto é, na fonologia,

morfologia e sintaxe, e à evolução externa, ligadas à função social de determinada variante linguística ao relacionar-se em dada comunidade. Essa abordagem diacrônica ajuda-nos a entender o fenômeno da mudança linguística.

Tendo consciência acerca do vasto campo teórico em que se dá a heterogeneidade linguística, e que não seria possível tratar acerca de todos aqui, por questões metodológicas, nosso trabalho foi delimitado num exemplo de variação linguística regional, cuja conceituação conta com as contribuições de Bagno (2007):

Varição diatópica é aquela que se verifica na comparação entre os modos de falar de **lugares diferentes**, como as grandes regiões, os estados, as zonas rural e urbana, as áreas socialmente demarcadas nas grandes cidades etc. O adjetivo DIATÓPICO provém do grego DIÁ-, que significa “através de” e de TOPÓS, “lugar” (BAGNO, 2007, p. 46, grifo dos autores).

O autor discorre acerca da alternância entre os diversos modos de usos de uma mesma língua quando comparados de região para região, de estado para estado, de localidades urbanas em comparação com áreas rurais.

Corroborando as contribuições de Bagno (2007), Ilari e Basso (2006) acrescentamos que há variações linguísticas também entre países diferentes que falam a mesma língua. Sobre essas diferenças entre os modos de falar entre países temos o português falado em Portugal e o português falado no Brasil, além daquelas que existem entre os outros países que falam a língua portuguesa.

3 METODOLOGIA

Nosso trabalho é um recorte da teoria variacionista e trata da variação regional representando as variedades do sertão cearense e da capital gaúcha. Essas variedades dialetais de nossa língua foram representadas por meio das características sociais e geográficas dos personagens, bem como de suas falas no enredo do conto.

Propusemos uma intervenção em busca da conscientização da coletividade implicada, dando-lhes oportunidade para que mostrassem o seu “algo a dizer” e “a fazer”, como defende que se faça Thiollent (2009), em pesquisas sociais nos moldes que nos propomos a realizar.

A pesquisa-ação é o modelo metodológico no qual se insere nosso trabalho. Seguimos com a apresentação do conceito dado por um dos maiores teóricos desse método:

A pesquisa-ação é um tipo de pesquisa social com base empírica que é concebida e realizada em estreita associação com uma ação ou com a resolução de um problema coletivo e no qual os pesquisadores e os participantes representativos da situação ou problema estão envolvidos de modo cooperativo ou participativo (THIOLLENT, 2009, p. 16).

Segundo Thiollent (2009), a pesquisa-ação insere-se no tipo de pesquisa social em que seus procedimentos são realizados através de ações participativas, entre pesquisadores e grupos implicados, em busca de soluções para problemas que repercutam sobre essa coletividade.

Como nossa pesquisa tem por objetivo intervir na sala de aula de alunos de uma turma do ensino fundamental por meio de ações e atividades que promovam a sua conscientização sobre a existência da variação linguística regional, está inserida no referido modelo de pesquisa. Salientamos que, embora o problema da falta de legitimação das diversas variedades seja de amplitude social bem mais abrangente, por limitações dos alcances das ações, nossa pesquisa limita-se a intervir apenas nesse grupo considerado.

Nosso objetivo foi também construir essa conscientização acerca do referido problema, como forma de combatê-lo dentro desse grupo, servindo ainda de modelo a inspirar outras ações proposta a outros grupos com problemas parecidos, sempre ressaltando a necessidade de adaptações conforme as particularidades de cada grupo. Por essa razão é que Tripp (2005) esclarece acerca desse tipo de pesquisa:

[...] como a pesquisa-ação ocorre em cenários sociais não manipulados, ela não segue os cânones de variáveis controladas comuns à pesquisa científica, de modo que pode ser chamada mais geralmente de intervencionista do que mais estritamente experimental. (TRIPP, 2005, p. 448)

Ao contrário das pesquisas tradicionais que seguem a modelos canônicos de métodos através de seus experimentos, a pesquisa-ação é pautada na intervenção da realidade observada. O que implica afirmar que, diferentemente de um modelo

experimental, em que os sujeitos pesquisados configuram-se em meros informantes e executores de ações, muitas vezes, alheios aos passos do processo, o modelo de pesquisa no qual nosso trabalho se insere é construído, em cada passo, através da participação consciente dos membros do grupo implicado.

Thiollent (2009) alerta que o pesquisador deve abster-se de eventuais exageros na busca dos objetivos propostos em suas ações, uma vez que nem todos os problemas podem ser resolvidos através de uma intervenção. Muitos deles são bastante complexos e precisariam de muitas ações, e através de um processo longo. Nesses casos, faz-se necessário que as ações sejam direcionadas para tomada de consciência do grupo considerado como forma de desenvolver neles uma consciência a respeito de tais problemas. Isso há de torná-los agentes de transformação da realidade ou, pelo menos, muitas vezes, pelo simples fato de terem desenvolvido um conhecimento crítico acerca de tal realidade coletiva, são instigados a frearem as consequências de tais problemas no meio em que estão inseridos.

Consideramos, então, que nossa intervenção se insere no tipo de pesquisa postulado pelo autor. Além disso, defendemos que obtivemos êxito, uma vez que, a discussão dos resultados nos mostra essa tomada de consciência entre os participantes de todas as ações propostas através da intervenção da pesquisa.

Os procedimentos dessa pesquisa foram aplicados numa turma de 6º ano do ensino fundamental com vinte e quatro alunos matriculados, dos quais, por motivos de tratamento de saúde, problemas com transportes, apenas treze participaram de todas as aulas. Desse total dos que foram a todas as aulas apenas treze produziram o texto.

Ao adotarmos alguns procedimentos para verificar a autenticidade da autoria, reduzimos a dez os textos analisados, dos treze que acompanharam todo o processo.

Os passos desse trabalho foram dados durante duas semanas que compuseram o terceiro período do ano letivo de 2015. De cada uma dessas semanas foram utilizadas 2h/a (ministradas durante os encontros das quartas-feiras) - de um total de 6h/a semanais da disciplina de Português, que compõem o cronograma semanal de aulas da turma.

Na primeira semana, procedemos assim: abordagem do conto *A fala de Pedrinho em terras gaúchas* através da leitura oral coletiva (dividida por parágrafos entre os alunos voluntários) e, em seguida, da atividade sobre o conto *A fala de Pedrinho em terras gaúchas* com questões que levaram o aluno ao conhecimento e à compreensão da variação linguística, bem como à noção de respeito aos falantes de variedades diversas, visando à desmistificação da noção de um dialeto superior em detrimento de outros.

Na segunda semana, por sua vez, os trabalhos prosseguiram desta forma: retomada do conto *A fala de Pedrinho em terras gaúchas* para correção coletiva do exercício proposto com espaço para interação entre os discentes por meio de socialização de suas respostas, após a leitura de cada questão por parte do professor.

4 INSTRUMENTOS DE COLETA E DISCUSSÃO DOS RESULTADOS DE PESQUISA

Com a aplicação do conto de nossa autoria, *A fala de Pedrinho em terras gaúchas*, foi proposto um questionário contendo quatorze itens cujo objetivo geral era construir um caminho que levasse os participantes ao reconhecimento da realidade apresentada no enredo, isto é, chegassem à conclusão de que existem variações linguísticas regionais e que o não reconhecimento dessa realidade gera problemas, como a deslegitimação e estigmatização de outras variedades.

Devido à grande quantidade de itens, que necessitaria uma extensa análise de dados, escolhemos, dentre os quatorze itens, apenas dois: o item 01 (Pelo que você leu no conto *A fala de Pedrinho em terras gaúchas*, diga qual foi a grande dificuldade que Pedrinho encontrou desde seu primeiro dia de aula em Porto Alegre) e o item 14 (Sabendo que existem essas variedades linguísticas, explique com suas palavras o que seria uma variação linguística regional), como forma de avaliar a compreensão dos participantes acerca dos conhecimentos partilhados a partir do enredo desse conto.

Reconhecemos que outros itens poderiam ser analisados, mas preferimos analisar esses dois, por acreditarmos que os dados dos informantes apontados nesses dois itens nos revelam os dados que buscamos. Portanto, a discussão dos

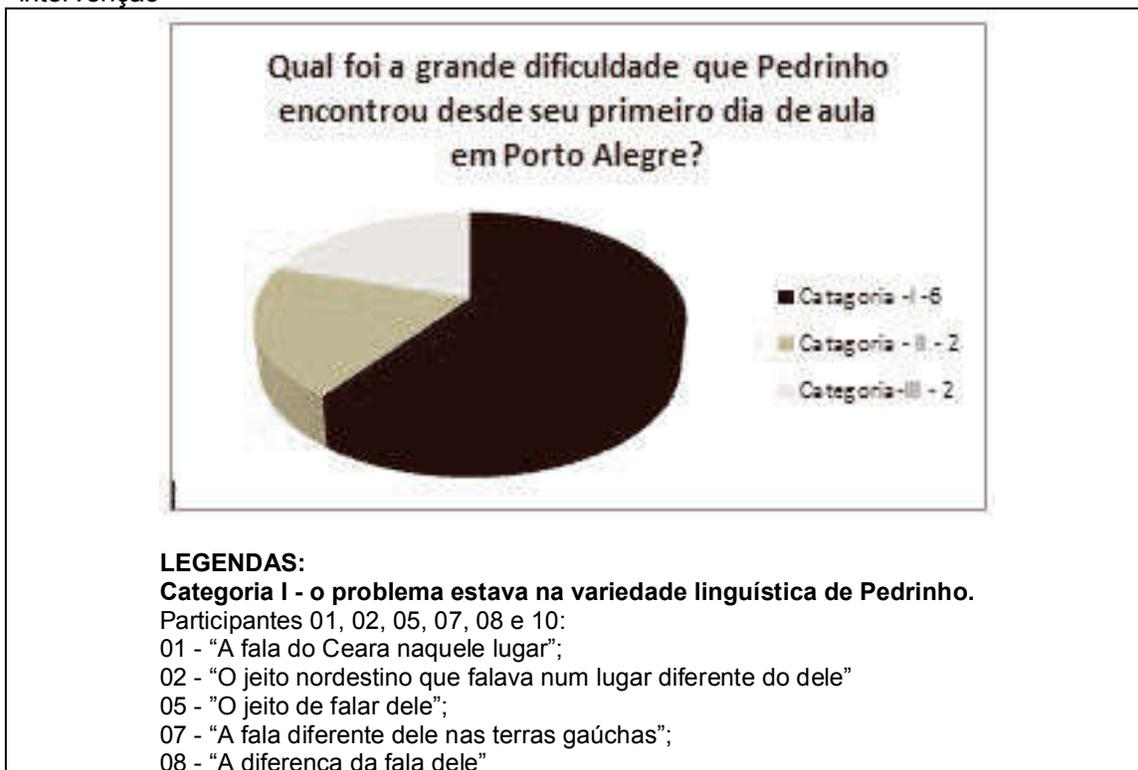
dados sobre reconhecimento da variação diatópica se deu através da análise de duas respostas da atividade *A fala de Pedrinho em terras gaúchas*.

No primeiro item, buscamos avaliar a primeira noção dos discentes sobre a existência de variedades linguísticas, objetivando conscientizar acerca do preconceito linguístico e verificar como concebiam o problema de uma visão preconceituosa que nega a legitimidade de variedades linguísticas regionais diferentes.

Esperava-se, nesse primeiro momento de reflexão, uma percepção dos discentes sobre a existência de variedades linguísticas e uma conclusão de que o grande problema de Pedrinho foi a falta de conhecimento a respeito de outras variedades por parte dos alunos daquela escola.

Ao serem indagados sobre “qual foi a grande dificuldade que Pedrinho encontrou desde seu primeiro dia de aula em Porto Alegre”, os discentes apresentaram respostas muito parecidas, que apontavam timidamente para o alcance do objetivo geral da nossa intervenção, conforme podemos verificar na Gráfico 1.

GRÁFICO 1: Respostas apontando parcialmente para o alcance do objetivo geral da intervenção



10 - “Não saber falar como os gaúchos no primeiro dia de aula”.

Categoria II – O problema estava no não reconhecimento/aceitação da variedade linguística de Pedrinho.

Participantes 03 e 04:

03 - “Não aceitavam o modo dele falar”;

04 - “Não aceitaram a fala dele diferente”.

Categoria III - O problema estava no “preconceito” ao dialeto de Pedrinho.

Participantes 06 e 09:

06 - “O preconceito dos colegas com a diferença da fala de dele” e

09 - “Preconceito por causa do seu jeito de falar”.

Fonte: Elaborado pelos autores.

Na primeira categoria, estão os participantes 01, 02, 05, 07, 08 e 10 com as respostas “A fala do Ceara naquele lugar”; “O jeito nordestino que falava num lugar diferente do dele”, “O jeito de falar dele”, “A fala diferente dele nas terras gaúchas” “A diferença da fala dele” e “Não saber falar como os gaúchos no primeiro dia de aula”, respectivamente, apontaram para o entendimento de que o problema estava na variedade linguística de Pedrinho.

Na segunda categoria, os participantes 03 e 04 com as respostas “Não aceitavam o modo dele falar”, e “Não aceitaram a fala dele diferente”, apontaram para noção de que o problema de Pedrinho naquela sala de aula estava ligado ao não reconhecimento por parte dos meninos gaúchos a respeito de sua variedade linguística, tratando-a como estigmatizada. Esses dois participantes, consideramos, alcançaram o objetivo proposto neste item.

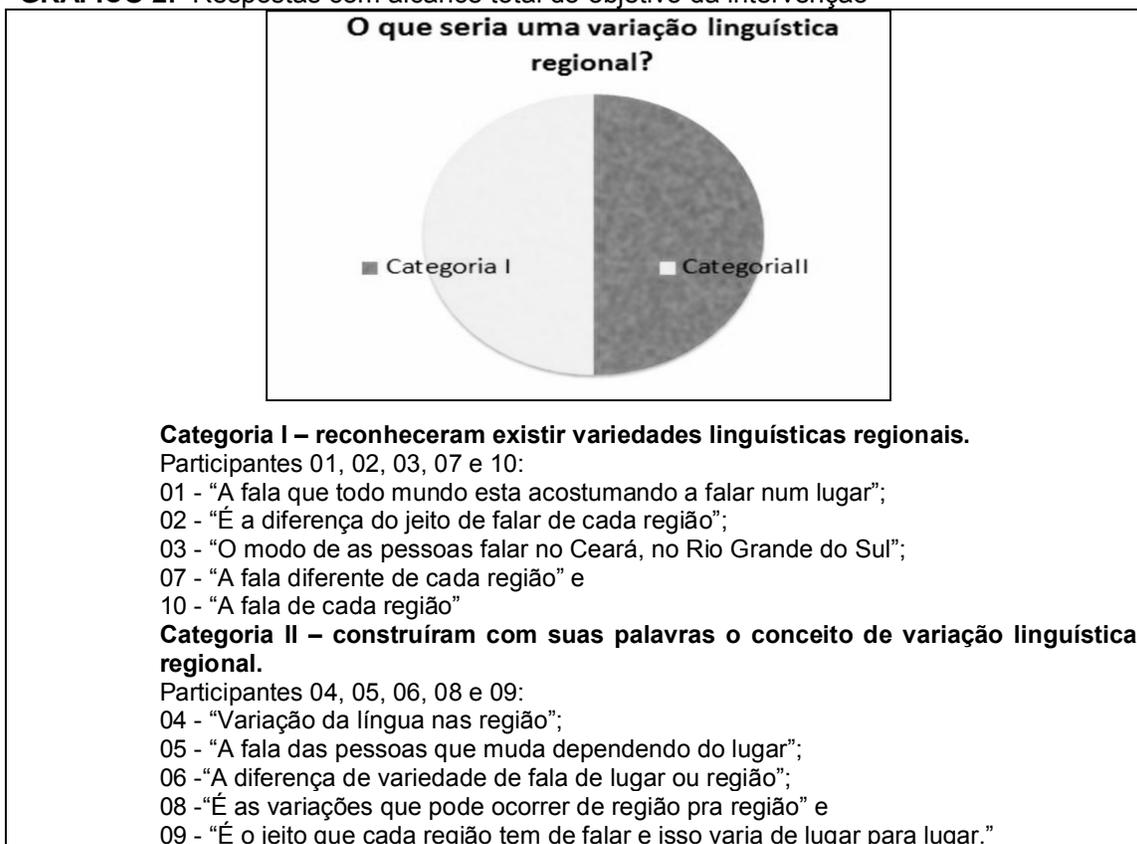
Na terceira categoria, podemos perceber que os participantes 06 e 09, com as suas respectivas respostas: “O preconceito dos colegas com a diferença da fala de dele” e “Preconceito por causa do seu jeito de falar”, deram evidentes sinais de que reconheceram a presença do preconceito linguístico no conto.

No segundo item, esperava-se que o (a) discente, depois de toda discussão traçada durante o percurso, construísse o conceito de variação linguística regional, a variação da língua de uma região para outra.

Ao avaliarmos as respostas dos discentes nesse item, verificou-se que todos os participantes conseguiram compreender o conceito de variação linguística.

Ao ser pedido que eles conceituassem com suas palavras o que seria uma variação linguística regional, obtivemos duas categorias de respostas, conforme nos o gráfico 2:

GRÁFICO 2: Respostas com alcance total do objetivo da intervenção



Fonte: Elaborado pelo autor.

A primeira categoria de respostas, embora tenha sido dada com uma leve confusão entre o conceito de variação e variedade, que é normal em principiantes no contato com a teoria variacionista, avaliamos que as respostas tenham sido satisfatórias. Nesse grupo, estão os informantes 01, 02, 03, 07 e 10, com as seguintes respostas, respectivamente: “A fala que todo mundo esta acostumando a falar num lugar”, “É a diferença do jeito de falar de cada região”, “O modo das pessoas falar no Ceará, no Rio Grande do Sul”, “A fala diferente de cada região” e “A fala de cada região”. Nossa avaliação positiva acerca dessas respostas se dá por conta de que, mesmo tendo confundido esses termos, só o fato de se declarar que existem variedades linguísticas regionais já revela a existência da variação entre cada uma delas.

Na segunda categoria, estão aqueles que construíram, com suas palavras, mas com a devida coerência em que é empregado o termo pelos estudiosos da área, o conceito de variação linguística regional. Nesse grupo, estão os participantes 04, 05, 06, 08 e 09, com as seguintes respostas, respectivamente: “Variação da língua nas região”, “A fala das pessoas que muda dependendo do lugar”, “A diferença de variedade de fala de lugar ou região”, “É as variações que pode ocorrer de região pra região”, “É o jeito que cada região tem de falar e isso varia de lugar para lugar”.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Esse trabalho foi iniciado com o objetivo de tratar a heterogeneidade linguística como uma realidade inerente ao sistema linguístico, um importante passo para a desconstrução da concepção homogeneizante da língua. Foram duas semanas utilizando dois dos quatros horários destinados às aulas de língua portuguesa. Houve alguns problemas com transportes, que impossibilitaram parte da turma de participar de todo o processo. Todavia, do grupo que teve condições de participar do início ao fim das atividades, colhemos resultados satisfatórios.

Nossa conclusão é embasada no cruzamento dos resultados obtidos por meio do nosso trabalho com o que declara Thiollent (2009): “Na investigação associada ao processo de reconstrução, elementos de tomada de consciência são levados em consideração [...]” (THIOLLENT, 2009, p. 82).

Dessa forma, ratificamos nossa defesa de que se configura exatamente dentro dessa perspectiva apontada por Thiollent: a nossa pesquisa, bem como os resultados obtidos, uma vez que consideramos ter dado início a uma tomada de consciência do grupo, poderão nortear um processo de reconstrução da visão dos participantes a respeito da realidade linguística como entidade heterogênea.

REFERÊNCIAS

- BAGNO, M.; GAGNÉ, G. & STUBBS, M. *Língua materna: Letramento variação e ensino*. São Paulo: Parábola Editorial, 2002.
- BAGNO, M. *Nada na língua é por acaso: por uma pedagogia da variação linguística*. São Paulo: Parábola Editorial, 2007.
- BORTONI-RICARDO, S. M. *Manual de Sociolinguística*. São Paulo: Contexto, 2014.
- ILARI, R.; BASSO, R. *O português da gente: a língua que estudamos, a língua que falamos*. São Paulo: Contexto, 2006.
- LABOV, W. *Padrões sociolinguísticos*. William Labov; tradução marcos Bagno, Maria Marta Pereira Scherre, Caroline Rodrigues Cardoso.-São Paulo, Parábola Editorial, 2008.
- MARCUSCHI, L. *Produção textual, análise de gênero e compreensão*. 2. ed. São Paulo, Parábola, 2008.
- MOLLICA M. C. Fundamentação teórica: conceituação e delimitação. In: MOLLICA, M. C.; BRAGA, Maria Luiza [Orgs.]. *Introdução à sociolinguística: o tratamento da variação*. 4. ed. reimpressão. São Paulo: Contexto, 2013.
- SOARES, M. *Letramento: um tema em três gêneros*. Belo Horizonte: Autêntica, 2002.
- TARALLO, F. *A pesquisa sociolinguística*. 8. ed. São Paulo: Ática, 2007.
- THIOLLENT, M. *Metodologia da pesquisa-ação*. 17. ed. São Paulo: Cortez, 2009.
- TRIPP, D. *Pesquisa-ação: uma introdução metodológica*. Educação e Pesquisa, São Paulo, v. 31, n. 3, p. 443-466, set./dez. 2005. Disponível em <<http://www.scielo.br/pdf/ep/v31n3/a09v31n3>>. Acesso em: 20 nov. 2016.
- WEINREICH, U.; LABOV, W. & HERZOG, M. *Fundamentos empíricos para uma teoria da mudança linguística*. Tradução Marcos Bagno: revisão técnica Carlos Alberto Faraco; Posfácio Maria da Conceição A. de Paiva, Maria Eugênia Lamoglia Duarte. São Paulo: Parábola Editorial, 2006.

ANEXO:

A FALA DE PEDRINHO EM TERRAS GAÚCHAS

Marcílio Nunes

Numa pequena localidade rural do sertão central cearense, lá estava Pedrinho brincando com seus colequinhas. Eram as mesmas brincadeiras de sempre, mas brincavam com o mesmo entusiasmo todos os dias. É que para eles o tipo de brincadeira importava menos do que as companhias. Pedrinho, loiro dos olhos claros, com apenas 9 anos de idade, descendente de gaúchos, nem se dava conta das dificuldades que estavam chegando por causa da seca que castigava todo o sertão do Ceará naquele ano.

No fim da tarde, seu pai voltava do lote, onde ficava o gado, muito triste, e começa a lamentar-se para sua mãe da morte de mais uma de suas poucas vacas. Dizia que, se continuasse sem chover, em semanas, perderiam tudo e não teriam mais como sobreviver naquele lugar. Em meio à conversa, seu Paulo resolve procurar o número do telefone de um primo lá do Rio Grande do Sul, que havia anotado fazia muitos anos, para verificar se, na terra natal de seus avós, as coisas estavam melhores do que no Ceará. Quando achou, correu para mercearia de seu Álvaro, comprou um cartão telefônico fiado e, com muita peleja, conseguiu fazer a ligação.

___ Lô, é da casa do Pretus?! ___ Seu Paulo no telefone.

___ Tu quer dizer Petrus, não, tchê?

___ Isso, isso! ...É o danado do meu primo mermu! Cê pode chamá ele pra eu?!

___ Sim, posso, senhor! Tu aguarda só um instante.

___ Pois chame ligerim, minha fia, que o cartão tá só: tu, tu, tu e rai já papocá!

___ Só um instante. ___ Respondeu Carla, filha de seu primo, pensando consigo: quem é este doido?!

___ Pai, tem um senhor com uma fala engraçada no telefone dizendo que é teu primo...

Petrus corre para atender o telefone.

___ Alô, quem fala? É o Paulo, meu primo, que nasceu nas terras secas do Ceará, tchê?!

___ Sô eu sim, seu danado! Há há há...Tudo bem cum ocê?!

___ Bah, tchê, tudo tri-legal! Quanto tempo, hein?! ...A última vez que veio aqui teus pais ainda eram vivos, tchê! ...Mas bah, tchê, tu está bem?!

___ Mais ou menos, primo!

___ O que te houve, então, tchê?! Fala!!!

___ Aqui em noís, tá uma seca da moléstia, e num tá dânu pra ficá mais puraquinaum, ó!?...Cê sabe a cuma é, né?!

___ Barbaridade, tchê!!!...E o que tu está pensado em fazer?!

___ Quiria sabê se num tem algum trabai pra mim puraí, primo?!

___ Na empreiteira onde trabalho, primo, tem vaga, mas só para servente e o salário é pouco, não passa de 1200 pila...

___E, se arrente fôimborapraí, cê arranja um trampo desse prêutrabaiá, primo? ___ Respondeu Paulo, pensando consigo: Ora se num rô?!...Tô quais pra passá fome com minha famíanesse sequidão!

___ Sim, tchê, é fácil. E ainda tem como arranjar um lugar para tu ficar com tua família porque tem muita vaga, e a empresa não consegue preencher só com a mão de obra local.

___ Pois ramuarrumáurbregueço e arrente raisimborapraí, primo!

___ Certo! Tu só não te esquece de avisar, tchê!

___ Pode deixá...Até mais vê, primo!

___ Pois te arranca daí, tchê! Vai ser tri-legal te rever!!!...

Chegando em casa novamente, Paulo conta tudo para Maria das Dores, sua esposa, e diz a ela que havia recebido de seu Fortunato uma proposta para a compra de suas vaquinhas. Seu Fortunato era proprietário de muitas terras onde havia dois grandes açudes que, embora não chovesse por mais de dois anos por ali, ainda armazenava água para muito tempo.

___ Muié, o dinhêru é poquim, mar dá pra arrente pagá ar passage e ir simbora, pro mode arrente num passe fome, nesse miserê daqui! ___ Comenta Paulo com os olhos marejados.

___ Tá bom, homi!... arrente num é de morrê de fome, né! Entonce, râmusimbora, e seje que Deus quisé! ___ Responde Maria das Dores de coração partido.

___ Entonce, râmu, cuidá: rocê junta ur cacareco, que eu rôrendê o gado pro seu Fortunato, pra modenóis ir!

___ PEDIM, PEDIM, PEDIM, RENHA CÁ, MEU FI!!!...Grita Maria das Dores.

___ Tôínu, mamãe!!!... Tôchegânu!...Pronto cheguei!!!...Responde Pedro com grande entusiasmo.

___ Pedim, meu fi, arrente raisimboramorá lá nar banda do Sul. A Deusquerê, arrente rija ainda amenhãcedim, na primeira lotação!

___ Mamãe, eu posso chamá meu zamígu pra ir cum arrente?!

___ Pode naum, não, meu fi, mar lá rocêraitêôtuzamigu pra brincá...

___ Mar, mamãe, eu gosto é dur meu zamígu daqui... Arrente brinca todo dia e nem arenga mais...E se urmininu de lá arengá cum eu, hein?!

___ Num vão não, Pedim...rá lá rá, se dispidadurminínu, que amenhã arrente raisimbora! ___ Respondeu a mãe com grande tristeza.

Depois das despedidas, de ter sido arrumada a bagagem e de terem secado as lágrimas dos olhos de tanta tristeza, enfim, dormiram.

Ao amanhecer, partiu na lotação para rodoviária da cidade, onde pegariam o ônibus com destino à capital gaúcha.

O menino Pedrinho era só tristeza. Não parava de pensar nos coleguinhas que havia deixado para trás. Mas, com sua inocência de criança, tinha esperança de que iria encontrar novos amigos que pudessem suprir a saudade que lhe apertava o peito.

Depois de três dias de viagem, chegaram à rodoviária de Porto Alegre, de onde pegaram um táxi direto para o alojamento da firma, onde os esperava Petrus, primo de Paulo, um dos encarregados por aquela obra.

Como Petrus era um homem estudado e sabia da importância de as crianças permanecerem na escola, já havia providenciado tudo para que Pedrinho começasse a estudar tão logo chegasse.

No dia seguinte Pedrinho vai à escola da sua nova cidade. Todos o olhavam com entusiasmo por achá-lo muito bonito e não podiam conter a vontade de logo logo fazer amizade como o aluno novato.

De repente, a professora, fazendo a chamada, grita:

___ PEDRO MARTINS SOARES!

___ É eu, professora!!! _ Responde Pedro, com a espontaneidade de sempre.

___ Não é eu...Sou eu, guri! Retruca a professora com um ar de desprezo.

___ Naum, professora! A sinhora é rocê...eu é eu mêm...mar pode chamá de Pedim, riu?! _ Replica Pedrinho sem temores.

Todos os garotos da sala ficaram perplexos com o modo estranho de falar do garoto e começaram a rir dele! Ouviram-se até vaias contra o pobre do Pedrinho. E muitos deles repetiam:

___ **Ala-putcha-tchê!!!!... Há háháBah, Que meRda!... Que guriabostado! Sabe nem falar!!! Xaropeou a aula!!!Há háhá!**

E daquele dia em diante, os meninos o evitavam, pois o consideravam alguém pouco inteligente por causa de sua fala.

Todos os dias a exclusão que sofria Pedrinho por parte dos alunos daquela escola só aumentava a saudade que tinha dos coleguinhas que havia deixado no interior cearense. Lembrava que, em nenhum momento, sofrera bullying na escola onde estudava, em sua terra, por conta de sua forma de falar. E, embora achasse muito feio o sotaque do povo de Porto Alegre, tentava imitá-los para ver se era aceito pelos colegas de classe. Essa peleja de Pedrinho já durava por mais de três meses, e a saudade de sua terra natal só aumentava. Tudo isso estava atrapalhando em muito seus estudos. É que, desde o primeiro dia de aula, evitava até tirar dúvidas que surgiam nas atividades, com vergonha do seu jeito de falar.

Por esses dias, quando Pedrinho chegava da escola, seu pai comenta com ele e com sua mãe que aquela construção em breve não teria mais serviço para serventes, mas que não se preocupassem, que havia começado a chover há duas semanas no sertão cearense e que também seu Fortunato havia ligado para ele, chamando-o para trabalhar na fazenda como vaqueiro, pois, com as chuvas fortes, os açudes haviam armazenado bastante água, e o fazendeiro tinha muito gado comprado durante a seca, por isso, precisava de um cabra trabalhador para ajudá-lo. Avisou ainda que as poucas terras de Paulo estavam prontas para serem limpas e para o cultivo.

___ Quer dizê que arrente raivoltá pro sertão e eu rôrê de novo meu zamígu e rô puder brincá cum minínu de novo?!...Rô puder falá sem se preocupá cum ninguém pra mangá deu?! EH!!! _ Grita Pedrinho, com muita felicidade.

Desde esse dia, Pedrinho, não se continha de ansiedade; não parava de imaginar que poderia reviver tudo que deixara um dia para trás por conta da seca.

Finalmente chega o dia da viagem de volta para o Ceará, Pedrinho, dentro do ônibus, muito contente pensava:

___ Ora mais!!!... Um diacho dum povo que fala fêi que só a peste mangânu deu!!!..Oia?!... Má rapaz!!!...Rãotudimpa baixa da égua, magote de fulerage, que eu tô é capânu o gato! IEEEEEEEEEEEEEEEE!!!